Revista do Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
e-ISSN 1983-201X
https://seer.ufrgs.br/anos90

ARTIGO

O grande homem de bronze: projetos liberais e populações indígenas no México em *Juárez, su obra y su tempo* (1905), de Justo Sierra

The Great Bronze Man: Liberal Projects and Indigenous Populations in México in Juárez, su obra y su tiempo (1905), by Justo Sierra

Valdir Donizete dos Santos Junior*
Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir como o itinerário de um dos mais importantes personagens da história mexicana, o líder liberal de origem zapoteca Benito Juárez (1806-1872), foi mobilizado, na primeira década do século XX, com vistas a explicitar projetos políticos e concepções sobre o passado e a identidade nacional no México. Debruça-se, especificamente, sobre *Juárez, su obra y su tiempo* (1905), biografia escrita por um dos principais intelectuais do Porfiriato (1876-1911), o *científico* Justo Sierra (1848-1912). Nessa obra, realizava-se a afirmação de um processo de "individualização" que teria sido vivenciado por Juárez durante os anos de sua formação. Esse percurso, significativo de um afastamento de suas origens indígenas, se constituía, na narrativa de Justo Sierra, como uma espécie de síntese da trajetória histórica mexicana no século XIX e como signo de suas perspectivas sobre o futuro de seu país.

PALAVRAS-CHAVE: Benito Juárez; Justo Sierra; projetos liberais; povos indígenas; Porfiriato; México.

ABSTRACT: *This article aims to discuss how the itinerary of one of the most important characters in Mexican history, the liberal leader of Zapotec origin Benito Juárez (1806-1872), was mobilized, in the first decade of the 20th century, with a view to explaining political and conceptions about the past and national identity in Mexico. Specifically, it focuses on Juárez, su obra y su tiempo (1905), a biography written by one of the main intellectuals of the Porfiriato (1876-1911), the scientist Justo Sierra (1848-1912). In this work, the affirmation of a process of 'individualization" that would have been experienced by Juárez during the years of his formation was carried out. This path, significant of a departure from his indigenous origins, constituted, in Justo Sierra's narrative, as a kind of synthesis of the Mexican historical trajectory in the 19th century and as a sign of his perspectives about the future of his country.*

KEYWORDS: *Benito Juárez; Justo Sierra; liberal projects; indigenous people; Porfiriato; Mexico.*

*E-mail: valdirdsjr@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4955-9182

DOI: 10.22456/1983-201X.139991
Anos 90, Porto Alegre, v. 33 – e2026003 – 2026

Este é um artigo Open Access sob a licença CC BY

Juárez era certamente inabalável, mas era inflexível? Não.
Grande bronze humano, era como o bronze em fusão naqueles anos em que
circunstâncias incontestáveis e necessidades complexas moldavam os mexicanos.

Justo Sierra, *Juárez, su obra y su tiempo* (1905).

Introdução

Indígena de origem zapoteca, Benito Juárez foi um político liberal e presidente da República mexicana por cinco períodos entre 1858 e 1872, ano de sua morte. Além de se notabilizar por comandar a resistência contra a Intervenção Francesa (1861-1867) e o governo imperial de Maximiliano de Habsburgo (1864-1867), foi um dos personagens centrais da "Era da Reforma" (1854-1861). Esses anos, marcados tanto por guerras civis quanto por importantes transformações nos âmbitos da economia, da política e da sociedade de seu país e pela promulgação da Constituição liberal de 1857, foram considerados por diversos intelectuais e historiadores como paradigmático para se compreender a consolidação do Estado e da nação no México (Pani, 2021; Mijangos y González, 2018; Ruiz Guerra, 2011).

Condecorado pelo Congresso da República Dominicana com o título de "Benemérito das Américas" em 1867, Benito Juárez se constitui como um dos personagens mais conhecidos e celebrados da história latino-americana do século XIX. Ainda em nossos dias, inspira monumentos e dá nome a cidades, ruas, praças, estações de metrô, escolas e ao principal aeroporto da Cidade do México. Nas palavras do historiador britânico Brian Hamnett, "o culto a Juárez forma uma parte central da mitologia política mexicana" (Hamnett, 1994, p. XII).[1]

Embora tenha sido tomado como uma das inspirações da Revolução Mexicana de 1910, sua consagração na historiografia e no panteão dos heróis nacionais começou a ser construída logo após sua morte e ganhou corpo durante as décadas em que o México foi governado, quase que ininterruptamente, por Porfírio Díaz (1876-1911) (Weeks, 1987; Villalobos Álvarez, 2020).

A consagração de Juárez como um ícone do passado mexicano não se expressou, entretanto, somente na vida política e social daquele país, mas também em uma parcela considerável dos escritos dos intelectuais que se debruçaram sobre a trajetória e o legado desse personagem. De acordo com Hamnett, grande parte dos textos que se dedicaram a Juárez revelam "menos o homem, menos o político capaz, do que o símbolo, a estátua de bronze ou de pedra erguida em muitas cidades mexicanas" (Hamnett, 1994, p. XII).

Isso não significa, entretanto, que durante sua trajetória política e ao longo das décadas que se seguiram ao seu falecimento, Juárez tenha se constituído como unanimidade nacional. Sofrendo oposição dentro de seu próprio partido em vida, foi descrito e interpretado de diversas formas após sua morte. Enquanto para uns foi tomado como o "fundador do Estado mexicano" e como prócer de sua "segunda independência"; para outros, sua atuação foi uma "grande mentira" acalentada pela história oficial e seu comportamento como presidente da república foi comparado, muitas vezes de forma preconceituosa, ao de um "cacique" centralizador e autoritário (Vázquez, 2010; Ceballos Ramínez, 2010, Villalobos Álvarez, 2020; Weeks, 1987).

Nesse quadro que perpassa a historiografia mexicana desde meados do século XIX, a primeira década do século XX pode ser apontada como um momento decisivo do embate entre os críticos severos e os entusiasmados defensores de Benito Juárez. Às vésperas das comemorações do centenário de nascimento do líder zapoteca, que seria celebrado de forma oficial pelo governo de Porfírio Díaz em março de 1906, uma série de textos foram produzidos com o objetivo de detratar ou exaltar o finado presidente liberal (Luna Argudín, 2008; Campos Arias, 2018).

Ao reacender as discussões sobre a vida e o legado juarista, a efeméride evocada pelo Porfiriato se apresenta como propícia para se debater a atuação dos intelectuais mexicanos nos embates políticos e na construção de projetos e identidades para a nação (Altamirano, 2008; Prado, 2008). Pode-se dizer que a figura de Benito Juárez, tal qual uma "estátua de bronze ou de pedra" erguida em alguma praça mexicana, se fazia capaz, em meio às contendas das elites letradas do período, de oferecer sentidos sobre o passado, bem como explicitar projetos para o futuro. Ou, inspirando-se aqui na célebre conceitualização do historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), de congregar, em seu cerne, "campos de experiências" e "horizontes de expectativas".

Entre os diversos textos que se debruçaram sobre a vida e a atuação de Benito Juárez, merece destaque *Juárez, su obra y su tiempo* (1905), biografia do líder zapoteca escrita por Justo Sierra (1848-1912), um dos principais políticos e intelectuais do Porfiriato (Dumas, 1992; Hale, 1997).

Mais que representar uma busca por exaltar a trajetória e a herança do Benemérito das Américas, tratava-se de uma obra crivada por ambiguidades e limites no que se refere à construção de um herói indígena no México. Defensor da mestiçagem como paradigma da identidade nacional e crítico dos povos originários que habitavam o país (Santos Junior, 2013), Justo Sierra estruturou sua narrativa acerca de Juárez sobre a difícil e contraditória tarefa de exaltar um personagem cuja origem considerava como indesejada para o futuro do Estado e da nação no México.

Entende-se aqui que a trajetória de Benito Juárez, na medida em que foi tomada nas décadas seguintes à sua morte como elemento articulador da memória coletiva, teria se constituído, para se utilizar aqui da célebre definição de Jacques Le Goff (2003), como um "monumento" capaz de evocar o passado e perpetuar a recordação de episódios considerados como fundadores da nacionalidade. Assim como "as estátuas de bronze e de pedra" espalhadas pelo território mexicano, invocadas por Hamnett (1994), os textos políticos e intelectuais também se ergueram como "monumentos" edificados não somente para promover a lembrança a Juárez, mas também para simbolizar o passado, o presente e o futuro da nação (Hobsbawm, 1991; Hobsbawm; Ranger, 1997; Anderson, 2008).

Os iconoclastas e o altar da pátria

Juárez, su obra y su tiempo mantém-se até hoje não apenas como uma das principais narrativas já escritas sobre a vida de Benito Juárez, mas também como uma das obras mais relevantes do intelectual porfirista Justo Sierra. Publicada pela primeira vez em 1905, foi fruto de uma notável polêmica que se instaurou na primeira década do século XX, quando a trajetória e o legado de Benemérito das Américas foram colocados no centro dos principais debates intelectuais e políticos travados no México daquele período (Villalobos Álvarez, 2020; Weeks, 1987).

A querela em torno dos significados de Benito Juárez para formação do Estado e da nação no México foi desencadeada pela ação do político, periodista e intelectual Francisco Bulnes (1847-1924). Engenheiro de minas e parte do grupo de intelectuais que forneceu sustentação ao Porfiriato, os chamados *científicos*, foi um personagem bastante atuante na imprensa, nos círculos letrados e no âmbito do poder legislativo, exercendo mandatos como deputado e senador entre fins do século XIX e inícios do XX. Como ensaísta, Bulnes se caracterizou por publicar livros que sempre flertavam com a polêmica, entre os quais destacam-se *El porvenir de las naciones hispanoamericanas*, obra lançada sob o impacto da Guerra Hispano-Americana, em 1899, e *Las grandes mentiras de nuestra historia*, de 1904, em que negava alguns dos principais cânones da História Mexicana do século XIX (Villalobos Álvarez, 2020; Santos Junior, 2016; Pani, 2010; Jimenez Marce, 2003).

Não obstante o impacto e a grande circulação dessas obras, nenhum de seus livros causou tanta controvérsia entre a elite ilustrada mexicana como *El verdadero Juárez y la verdad sobre la Intervención*

y el Império, publicado também em 1904. As críticas construídas por Bulnes, embora se direcionassem principalmente a determinados pontos da ação político-administrativa de Juárez durante a Intervenção Francesa e do Segundo Império Mexicano,[2] continham em seu bojo um conjunto de projetos políticos e concepções identitárias.

De acordo com a interpretação de Bulnes, Juárez teria cometido uma série de erros políticos e estratégicos que resultaram na ocupação francesa em 1861 e no prolongamento dos conflitos internos e externos até 1867. Conforme sublinha Rafael Rojas (2001), subjazia à essa explicação, perpassada, em grande medida, por premissas eugenistas, a concepção de que parte considerável dos problemas vivenciados pelo México na década de 1860 resultava de características negativas provenientes da "raça" a que pertencia o presidente zapoteca. Na perspectiva de Bulnes, a "debilidade" e a "passividade", apontadas como traços marcantes de Juárez, estariam vinculadas, portanto, às suas raízes indígenas.

O impacto da obra de Bulnes foi imediato. Após a publicação de *El verdadero Juárez*, inúmeros textos vieram à luz com o objetivo de responder ao polêmico ensaio. Títulos como *Juárez discutido como ditador e estadista*, de Carlos Pereyra (1904); *Juárez como lo pinta el diputado Bulnes*, de Ramón Prida (1904); *Juarez glorificado y la Intervención y el Império ante la verdad histórica: refutando con documentos la obra del Sr. Francisco Bulnes intitulado "El verdadero Juarez"*, de Hilarion Frias y Soto (1905), entre outros, fizeram com que os debates em torno da vida e do legado de Juárez circulassem por todo o país (Luna Argudín, 2008; Campos Arias, 2018). Mesmo mais de três décadas após sua morte, Benito Juárez, concebido como personagem histórico e mito político, permanecia no centro da arena político-intelectual mexicana na primeira década do século XX.

Em 1905, dois fatores contribuíram para que o espectro de Benito Juárez permanecesse na ordem do dia das contendas intelectuais. O primeiro fator que alimentou a querela foi a publicação de uma nova obra crítica de Francisco Bulnes: *Juárez y las Revoluciones de Ayutla y de Reforma*, que, assim como *El verdadeiro Juárez*, recebeu inúmeras respostas de defensores do Benemérito das Américas.

O segundo fator dizia respeito ao início dos trabalhos de uma comissão organizada para comemorar o centenário de nascimento do prócer da Reforma a ser celebrado em 1906. Esse grupo de trabalho não deixou de se tornar também veículo para "desmentir" as "profanações" à memória do líder liberal levadas a cabo pelo polêmico *científico*.

O concurso literário resultante dessa iniciativa propunha a premiação de produções em três categorias: biografia, estudo sociológico sobre a Reforma e composição poética. Na primeira, Rafael de Zayas Enriquez saiu vitorioso com *Benito Juárez, su vida, su obra*; Ricardo Garcia Granados, Porfírio Parra e o então desconhecido Andrés Molina Enriquez foram os autores dos estudos vencedores sobre a Reforma; e, por fim, Manuel Caballero, Juan A. Mateos e novamente Zayas Enriquez viram suas poesias triunfarem no certame (Luna Argudín, 2008).

Como demonstra Maria Luna Argudín, de todos os vencedores elencados acima, apenas Molina Enríquez não exercia nenhum cargo público: todos os demais cumpriam seus mandatos como deputados no Congresso Nacional. Para a autora, era explícita a profunda articulação entre vida política e representação do passado mexicano nos anos do Porfiriato (Luna Argudín, 2008).

Nesse efervescente contexto, a publicação, em 1905, de *Juárez, su obra y su tiempo*, de Justo Sierra, não deixou de se constituir como uma das principais contribuições ao debate intelectual não somente no âmbito da História, mas também dos embates políticos daqueles anos.

Nascido em Campeche, na Península de Yucatán, em 1848, Justo Sierra foi um dos mais destacados intelectuais de sua época. Assim como Francisco Bulnes, é frequentemente associado ao grupo dos chamados *científicos* e considerado um dos principais ideólogos do regime porfirista. Além de produzir obras políticas, históricas e literárias, ocupou diversos cargos públicos, entre os quais merece destaque sua atuação como secretário de Instrução Pública e Belas Artes (1905-1911), quando participou de

maneira bastante assertiva em 1910 da fundação da Universidad Nacional de México, hoje Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Por sua atuação no âmbito educacional, recebeu de seus contemporâneos o epíteto de *maestro*. Em suas obras, Justo Sierra formulou uma justificativa histórica para o regime de Porfírio Diaz alicerçada sobre duas balizas centrais: a ordem política e a mestiçagem. (Dumas, 1992; Hale, 1997; Santos Junior, 2013).

Juárez, su obra y su tempo, uma das principais produções historiográficas de Justo Sierra, foi escrita, conforme nos informa Agustín Yañez (2004), por encomenda da editora J. Ballescá. Segundo esse autor, a biografia do prócer da Reforma foi impressa na Espanha, em fascículos, à medida que os originais de Sierra eram enviados. Houve, portanto, segundo Yañez, a impossibilidade do cuidado pessoal e de qualquer modificação necessária que pudesse ser feita por Sierra. Em sua perspectiva, tais circunstâncias "conferem ao livro um brio, um brilho como de sucessivos relâmpagos, filhos do improviso, da inspiração momentânea; uma temperatura quente, que o caracteriza" (Yañez, 2004, p. 10).

Nessa obra, embora não desconsiderasse o papel dos documentos na construção da narrativa histórica, Justo Sierra priorizou sua experiência de vida, suas recordações e sua interpretação dos fatos. Não obstante, seu relato se apresentava como essencialmente factual e sua abordagem se centrava nos acordos e disputas entre os "grandes homens" que orbitavam em torno do poder. Sua obra caracterizava-se também – e talvez esse seja um dos seus objetivos principais – por se apresentar como uma contraposição aos polêmicos textos de Francisco Bulnes.

Em sua dedicatória voltada aos jovens mexicanos ("*a la generación que llega*"), além de deixar explícita sua permanente preocupação com o aprendizado da História e o culto dos heróis nacionais pelos mais jovens, Sierra também apresentava os motivos que o levaram a escrever seu livro:

> A personalidade em torno da qual esta obra se cristalizou [...] guardou o dom de exumar paixões que parecem espectros de rancores mortos; talvez por sua imperturbável atitude moral, tão consoante com sua fisionomia, desperta ainda a irreverência dos iconoclastas que aspiram apenas à atitude dos apóstolos que derrubam ídolos, atribuindo o caráter de idólatra a toda grande crença popular. Faça cada qual aquilo que o ponha de acordo com a sua consciência. A minha me inspirou o afã de "dissipar a fumaça", como dizia Horácio, [em relação] ao grande representante de nosso direito em uma época em que a república lutou para viver e agonizou vencida; ao grande indígena de cuja memória a gratidão do país erigiu um altar inabalável. (Sierra, 2004 [1905], p. 1).

Para Justo Sierra, a escrita da História era concebida como uma tarefa essencialmente patriótica. Seu objetivo era fazer dela a base de uma "religião da pátria", na qual os grandes vultos da história nacional se apresentassem como objeto de adoração e crença popular (Harwich Vallenilla, 2003).

Da mesma forma, a biografia escrita pelo intelectual *científico* não deixava de se constituir também de maneira evidente como uma resposta à tentação "iconoclasta" de homens como Francisco Bulnes. Mais que simples figura de linguagem, a utilização da metáfora dos "apóstolos" que "derrubam ídolos" revela muito de sua perspectiva sobre a História e seus heróis, na qual estes deveriam se tornar os alicerces para a construção de uma "religião cívica". O culto a Juárez era entendido, nesses termos, como uma prática desejável não somente para a consolidação da identidade nacional, mas também como guia para as gerações futuras.

A vida de Benito Juárez deveria ser tomada, portanto, como "uma suprema lição de moral cívica" para a "geração que chega" (Sierra, 2004 [1905], p. 1). Essa premissa que evocava a célebre assertiva do orador e político romano Cícero, no século I a.C., na qual a História teria como função ser "mestra da vida" (*historia magistra vitae*), considerava a trajetória do líder liberal como sendo capaz de "ensinar lições" aos futuros patriotas mexicanos. Ao vislumbrar o futuro no ato de narrar o passado, a biografia

do icônico presidente zapoteca explicitava um projeto político a ser transmitido pelas elites intelectuais e políticas e a ser aprendido pela população mexicana, em especial pelos mais jovens.

Juárez, su obra y su tiempo se arrogava, portanto, à função de manter de pé a "estátua" erguida em honra ao prócer liberal, buscando defendê-la dos ataques que vinha sofrendo dos irreverentes iconoclastas, especialmente de Francisco Bulnes. De acordo com essa concepção, o "monumento" ao presidente zapoteca, postado em lugar de destaque no "altar da pátria", deveria ser não somente adorado como "crença popular", mas também ensinar a "religião cívica" aos mais jovens. A imagem de Juárez congregava, portanto, nos projetos políticos e nas elaborações intelectuais de Justo Sierra, um conjunto de "experiências" e "expectativas" (Koselleck, 2006), entrecruzando narrativas do passado, disputas do presente e projetos de futuro existentes no México do início do século XX.

Nessa contenda entre os defensores e os detratores de Benito Juárez, pode-se dizer que, a despeito da existência de críticos importantes ao Benemérito das Américas no decorrer do século XX, como José Vasconcelos e Mariano Cuevas, as abordagens positivas em relação ao prócer da Reforma foram predominantes após a Revolução Mexicana de 1910. Na retórica de muitos atores políticos e intelectuais desse período, o movimento responsável por derrubar Porfírio Díaz e seus desdobramentos políticos e sociais ocorridos nos anos seguintes se fizeram, em grande medida, em nome do finado presidente indígena. Nesse quadro, mesmo diante de arroubos "iconoclastas", não seria equivocado afirmar que a linha interpretativa consagrada por *Juárez, su obra y su tiempo* se manteve viva, influente e, de certa forma, dominante nos círculos intelectuais mexicanos mesmo após a queda do Porfiriato em 1911 (Vázquez, 2010: Ceballos Ramínez, 2010).

Como será possível evidenciar nas próximas páginas, embora explicitasse o esforço em transformar Benito Juárez em "monumento" das lutas das gerações passadas e em "ícone" para adoração das gerações futuras, a construção de uma imagem heroica do prócer da Reforma não esteve isenta de ambiguidades. A tentativa de Justo Sierra, um intelectual bastante crítico da situação, dos hábitos e dos costumes das populações originárias, de consagrar um indígena zapoteca como um dos grandes heróis nacionais do México, se apresenta, nesse sentido, como uma das mais instigantes para a análise quando se debruça sobre essa obra.

Da "alma coletiva" à "individualização"

Juárez, su obra y su tiempo não foi a única obra em que Justo Sierra se debruçou sobre a história mexicana. Além de produzir uma série de manuais voltados à Instrução Pública, escreveu também "História Política" e "La era actual", dois longos capítulos para a obra coletiva *México: su evolución social* (1900), um dos marcos da historiografia produzida nos anos do Porfiriato (Villegas, 1977, p. XX).[3]

Em linhas gerais, pode-se dizer que uma das principais características das obras históricas de Justo Sierra seja a identificação entre determinados períodos marcantes da História do México e seus personagens mais emblemáticos. Hernán Cortez, Miguel Hidalgo, Antônio Lopez de Santa Anna e mesmo Porfírio Díaz se constituíam, por exemplo, como sínteses de momentos paradigmáticos da história de seu país (Sierra, 1977 [1900]). Nenhum deles, entretanto, alcançou um desenvolvimento tão amplo nas obras do intelectual *científico* quanto Benito Juárez. Embora, em seus dois textos de *México: su evolución social*, tenha dedicado diversas páginas a esse personagem, algumas das principais premissas de sua interpretação receberam novos e relevantes desdobramentos em *Juarez, su obra y su tiempo*.

Essa biografia escrita por Justo Sierra comporta dois grandes eixos articuladores: por um lado, uma narrativa sobre o suposto "desenvolvimento" da "alma primitiva" de Juárez na direção de sua "individualização"; e, por outro, a construção de uma simbiose entre a história e o destino do prócer da Reforma e a própria trajetória da nação no México (Sierra, 2004 [1905]).

Nessa obra, Justo Sierra afirmava, de maneira categórica, que "a alma indígena É COLETIVA [...]; só mostra vontade, só denota sensibilidade, só revela intelectualidade em grupo; é exceção no índio isolado, só" (Sierra, 2004 [1905], p. 26). O que diferenciaria Juárez em relação a grande parte daqueles que pertenciam à sua "raça" seria o desejo de se libertar do "imobilismo", da "passividade" e do estado de "prostração" que suspostamente seria próprio a esses grupos. Nas palavras de Justo Sierra:

> Vimos nele [Juárez] trabalhosamente a aspiração de deixar de ser um coletivo como os homens de sua raça e como os primitivos todos, a aspiração a individualizar-se, a ter uma personalidade, a ser ELE. Logo dentro de sua consciência, notamos o surgimento do desejo de contribuir com a transformação mexicana. (Sierra, 2004 [1905], p. 51).

Note-se que o processo de "individualização" de Juárez e, portanto, sua "libertação" em relação aos hábitos e vivências dos povos indígenas não deixava de vir acompanhada do "desejo de contribuir com a transformação mexicana".

Na concepção de Justo Sierra, assim como Juárez, o México não poderia ser definido como uma entidade necessariamente autônoma na primeira metade do século XIX. O *científico* entendia que, mesmo após a independência em 1821, não haviam sido superados os pilares que alicerçavam o regime vicerreinal. Para além dos aspectos políticos e econômicos, as mentalidades também permaneciam imóveis, em especial entre as populações indígenas. Para o intelectual porfirista, o caminho para que se cumprisse esse processo de efetiva "descolonização" deveria ser o abandono das práticas corporativas, por um lado, e a "individualização" das "almas coletivas", por outro. A partir desse enquadramento, a trajetória em direção a uma independência plena se explicitava, no entrecruzamento de duas histórias: uma delas individual, personificada em Benito Juárez; e outra nacional, a do México de meados do século XIX.

Como grande parte dos herdeiros do liberalismo mexicano da Era da Reforma, Justo Sierra demonstrava, em sua argumentação, uma posição bastante crítica ao papel da Igreja nesse processo. O catolicismo teria sido, em sua interpretação, um dos grandes responsáveis pelo estado de "prostração" e "passividade" em que as populações indígenas teriam sido colocadas desde a época da Conquista, ainda no século XVI, após terem sido despojadas de seus hábitos pagãos e submetidas ao credo romano. A Igreja Católica representava "tudo o que interceptava a luz direta e aglomerava nos intelectos massas frias de sombra e de noite" (Sierra, 2004 [1904], p. 4).

Em sua concepção, o colonizador, em especial o missionário que viera à América com objetivos religiosos, "arrancou [do indígena] o coração de pedra dos sacrifícios e o fez passivo, absolutamente passivo como indivíduo"; desconfiou "do valor do indígena como ser racional"; e sentenciou, por fim, que "os índios não eram gente de razão" (Sierra, 2004 [1904], p. 27). Em suma, considerava-se que a colonização mexicana, protagonizada, em grande medida, pela Igreja Católica, teria contribuído de forma determinante para a situação em que os mexicanos e, em especial, os povos indígenas se encontravam nas primeiras décadas do século XIX.

Nessa perspectiva, não haveria como desvencilhar, nessa narrativa, os processos de libertação individual de Juárez e de emancipação definitiva da nação.

Em meio a esse quadro, a biografia escrita por Justo Sierra se iniciava com a caracterização da difícil infância de Benito Juárez no *pueblo* de San Pablo Guelatao, no Estado de Oaxaca. Nas primeiras páginas da narrativa, aquele que viria a ser o grande líder dos liberais surgia como "um pastorzinho, um menino, quase desnudo e sem poesia bucólica" (Sierra, 2004 [1905], p. 21). Órfão desde muito cedo, teria sofrido maus tratos de parentes próximos, o que o teria levado a fugir de sua aldeia. Dotado de um desejo quase incontrolável de se libertar, de sair do lugar em que nasceu, Juárez buscava encontrar algo

ainda desconhecido. A fuga do menino zapoteca de seu *pueblo*, aos 12 anos, teria sido, nesse sentido, determinante para o destino do futuro prócer da Reforma.

Ironicamente, fora exatamente por meio de um representante da Igreja Católica, instituição apontada por Sierra como uma das grandes responsáveis pelo estado de "passividade" em que foram deixados os povos originários, que o garoto indígena encontraria sua libertação. Ao chegar à cidade de Oaxaca, capital do Estado de mesmo nome, Juárez foi acolhido por Antonio Salanueva, sacerdote franciscano que lhe concedera emprego como encadernador em um convento e que o encaminhara a uma escola de primeiras letras, onde fora alfabetizado e pôde entrar em contato com o idioma castelhano. O clérigo, responsável por apresentar ao jovem zapoteca as "luzes da civilização", era descrito na biografia como "o mestre, o protetor, o redentor de Juárez" (Sierra, 1905 [2004], p. 27).

Se a "alma indígena" era definida como sendo essencialmente "coletiva", na concepção de Justo Sierra, "apenas a escola pode[ria] individualizá-la" (Sierra, 2004 [1905], p. 26). Em especial, por colocar os jovens em contato com a leitura e a escrita. A articulação entre o aprendizado do idioma nacional e o processo de "individualização" se apresenta, nesse sentido, como um dos eixos estruturantes da narrativa sobre a vida de Benito Juárez.

Por um lado, o domínio da língua espanhola era apresentado na biografia como um passaporte para a liberdade, já que proporcionaria o contato do garoto indígena com as grandes discussões políticas e intelectuais de sua época. Por outro, as línguas originárias, associadas a termos que remetiam à imobilidade, eram responsabilizadas por aprisionar o menino oaxaqueño a um mundo sem perspectivas ou possibilidades. No vilarejo em que nasceu, o jovem zapoteca se encontraria "acantonado em sua rocha indígena, sem poder falar a língua de Castela [...], fechado em seu idioma como em um calabouço" (Sierra, 2004 [1905], p. 22). Aprender a língua oficial da nação representava, portanto, o primeiro passo para que Juárez lograsse sua autonomia em relação às suas origens:

> O primeiro sinal de individualização consistia em diversificar-se da comunidade pelo idioma. Diversificar-se, ser outro [para] que seu povo e que sua raça não devesse ser nunca a aspiração do pequeno Benito Juárez; isso não entrava espontaneamente no espírito do indígena; mas sim foi buscar com afinco a via que devia conduzi-lo fatalmente a separar-se de seu grupo, a ser uma pessoa dona de si mesma, um cidadão, um homem: ir a Oaxaca, saber o idioma que o colocaria em comunicação com o mundo. (Sierra, 2004 [1905], p. 27).

Nesse processo de ser colocado em "comunicação com o mundo" por meio da escola e do idioma espanhol, Juárez teria sido libertado de sua língua e de seu *pueblo*, abandonado sua "alma coletiva" e se "individualizado". Na concepção de Justo Sierra, o jovem oaxaqueño estava, pois, pronto para cumprir o seu destino e a sua missão: "Vimos Juárez se juntar à vida pública [...]. A evolução parece terminada; o personagem está pronto [...]: um homem de progresso e de dever" (Sierra, 2004 [1905], p. 51).

A estátua de bronze: "caráter" e "gênio" em Juárez

Desde o momento em que fora acolhido por António Salanueva, Juárez começou a se preparar para a vida sacerdotal. Ao abordar esse período, quando o jovem zapoteca tinha por volta de 18 anos e estudava em um seminário em Oaxaca, Justo Sierra se utilizou, para a construção de sua narrativa, da seguinte história:

> Contam alguns colecionadores de anedotas de um TEMPO BEM VELHO, que um amigo seu [de Juárez] dizia a seus camaradas falando do recém-chegado seminarista: "Vocês veem este reservado e grave, que parece inferior a nós?... pois este será um grande político".

> Eu não creio na exatidão nem desta nem de nenhuma anedota; mas, inventada depois, guarda o eco de uma impressão, a de que aquele submetido ergueria a cabeça, a de que aquele lacônico falaria. Juárez falou; sua eloquência nunca esteve nas palavras, esteve nos atos e foi formidável. (Sierra, 2004 [1905], p. 31).

O relato dessa anedota é paradigmático no que diz respeito à concepção da figura de Benito Juárez na biografia escrita por Justo Sierra: um homem silencioso, de aparência "inferior" – obviamente relacionada a suas origens indígenas – e que se destacou na arena política mexicana do século XIX não por seu "gênio", mas por seu "caráter".

A chegada à idade adulta de Juárez coincidiu com os primeiros anos de vida independente do México. Com a ascensão do regime federalista e liberal fundado pela Constituição de 1824, o jovem zapoteca deixara o seminário em que estudava com destino ao Instituto de Ciências e Artes, criado em Oaxaca, em 1826. Nessa instituição, entrou em contato com Miguel Méndez, "indígena de raça pura como Juárez" (Sierra, 2004 [1905], p. 34), personagem que teria atuado em sua vida como uma espécie de mentor. No Instituto, onde se tornaria depois professor, teria também entrado em contato com os dois elementos que passaram a guiá-lo a partir de então: o direito e o liberalismo.

Grande entusiasta do líder federalista Vicente Guerrero, assassinado a mando do presidente Anastasio Bustamente em 1831, atuou sob as hostes liberais em diversos episódios críticos da vida política mexicana nos anos seguintes. Ingressou na administração pública de Oaxaca apenas em 1844, ironicamente sob o governo do conservador António de León, sendo eleito pouco depois como deputado pelo partido liberal. Além disso, vivenciou a traumática guerra contra os Estados Unidos (1846-1848), parte na Cidade do México, na qual cumpria seu papel como congressista, parte em seu Estado natal, de onde se tornou governador interino após o fim do conflito com os norte-americanos. Alçado à condição de personagem de relevo nas disputas pelo poder no México daqueles anos, esteve envolvido nos principais eventos que se desenvolveram em seu país desde então.

Na citação que serve de epígrafe a este artigo (Sierra, 2004 [1905], p. 51), Juárez é apresentado como "grande bronze humano" por sua capacidade de se moldar às situações adversas enfrentadas pelo México em meados do século XIX. Esse bronze, forjado no calor dos acontecimentos da Era da Reforma, da Intervenção Francesa e do Segundo Império, nas décadas de 1850 e 1860, se fez estátua nos anos seguintes e se consolidou, como nos lembram Hamnett (1994) e Sierra (2004 [1905]), nas praças públicas e nos altares da pátria. Nessas páginas, o líder liberal era apresentado como aquele que incorporava os valores mais caros ao projeto de sociedade mexicana que se desenhava durante aqueles anos:

> A profissão de fé jurídica em favor dos grandes princípios democráticos, sua paixão pela soberania do povo, o grande dogma liberal que os liberais metafísicos de então pretendiam fazer passar em bloco da teoria à realidade, sem ter em conta as condições peculiaríssimas de nossa constituição social, apenas hoje modificada na superfície, isto formava o elemento principal da mentalidade de Juárez. (Sierra, 2004 [1905], p. 49).

"Individualizado" pela escola e por seu contato com o idioma espanhol, também teve sua personalidade moldada pelo torvelinho de eventos que resultaram na vitória definitiva dos liberais sobre os conservadores e os invasores franceses em 1867: a "crise mortal de que saiu revivida a República [...] acabou de revelar a Juárez a si mesmo, à história, à sua pátria" (Sierra, 2004 [1995], p. 318). Não era, entretanto, apenas o líder liberal que, em meio a "circunstâncias incontestáveis e necessidades complexas" (Sierra, 2004 [1905], p. 51), estava sendo esculpido naqueles anos. Conforme a interpretação de Justo Sierra, era a própria nacionalidade mexicana que estava sendo gestada.

Em *México: su evolución social*, escrito poucos anos antes, Justo Sierra explicitava de maneira evidente a centralidade que atribuía à Era da Reforma no quadro mais geral da história mexicana:

> O México teve apenas duas revoluções [...] A primeira foi a Independência, a emancipação da metrópole, nascida da convicção que o grupo *criollo* havia chegado da impotência da Espanha para governá-lo e de sua capacidade para governar-se [...]. A segunda revolução foi a Reforma, foi a necessidade profunda de fazer estabelecer uma constituição política, ou seja, um regime de liberdade, baseado em uma transformação social, na supressão das classes privilegiadas, na distribuição equitativa da riqueza pública, em sua maior parte, imobilizada, na regeneração do trabalho, na criação plena da consciência nacional por meio da educação popular [...]. No fundo da história, ambas as revoluções são apenas manifestação de um mesmo trabalho social: emancipar-se da Espanha foi o primeiro; o segundo foi emancipar-se do regime colonial; duas etapas de uma mesma obra de criação de uma pessoa nacional dona de si mesma. (Sierra, 1977 [1900], p. 181).

A Era da Reforma (1854-1861), considerada por Justo Sierra como um marco histórico fundamental, espécie de "segunda independência", a qual teria sido responsável por consolidar o Estado nacional, não deixava de sintetizar, assim como a própria vida do Benemérito das Américas, um processo de "individualização" da sociedade mexicana. Nesse quadro, as estruturas corporativas, representadas principalmente pela Igreja Católica, mas também evidenciadas na maneira como se organizavam os *pueblos* indígenas, deveriam ser suplantadas, na legislação e nas instituições, pelos princípios liberais e pelos direitos e deveres dos indivíduos (Ruiz Guerra, 2011).

Após a vitória da Revolução de Ayutla (1854-1855) e da promulgação da Constituição de 1857 e das *Leyes de Reforma* (1859-1861), teriam sido lançadas as bases para a secularização da sociedade mexicana por meio da aprovação de uma série de parâmetros legais que explicitavam o enfrentamento às corporações, em especial as religiosas, e a preeminência do direito individual sobre o coletivo. Nesse período, foram aprovadas a separação entre a Igreja e o Estado, a liberdade de culto, a desamortização e nacionalização dos bens do clero e a secularização da vida social no México (Ruiz Guerra, 2011). Esse processo não se apresentou, entretanto, de maneira simples e linear, mas se constituiu em meio a conflitos internos e externos, como as Guerras de Reforma (1857-1861), entre liberais e conservadores, a Intervenção Francesa (1861-1867) e o Segundo Império (1864-1867).

O triunfo da Reforma encontrava na figura de Benito Juárez sua mais evidente personificação: "era um símbolo, era algo mais concreto, era um título, encabeçava o partido reformista em luta, era o direito à vitória" (Sierra, 2004 [1905], p. 113). Responsável por conceder "existência humana" (Sierra, 2004 [1905], p. 199) à Constituição liberal de 1857, bem como por atuar na "transformação da minoria reformista em nação, em pátria" (Sierra, 2004 [1905], p. 353), Juárez, "homem que todos viam como a expressão autêntica e única da lei" (Sierra, 2004 [1905], p. 199), "encarnava", naquele momento, o "liberalismo combativo" mexicano de meados do século XIX.

Benito Juárez "personificava", nesse sentido, mais que um processo de "individualização" específico ou particular, constituía-se como a síntese da própria trajetória da nação no século XIX.

O fato de Benito Juárez, indígena de origem zapoteca, ser alçado à categoria de herói desses episódios fundamentais da história mexicana não é irrelevante. Ainda mais quando se concebe que o Porfiriato, na medida em que se caracterizava pela defesa de uma identidade nacional mestiça, representava, como uma outra face dessa mesma moeda, um projeto político de detração ou de incorporação dos povos indígenas aos grupos considerados "ativos" da sociedade mexicana.

Entretanto, essa caracterização de Juárez como o grande prócer da Reforma não estava despida de contradições, ambiguidades e limites. Além de descolá-lo e distanciá-lo de suas origens a partir de uma retórica que afirmava sua "individualização", articulava também em sua narrativa a exaltação de seu "caráter", de sua "força de vontade", de sua "fé", de sua "astúcia política" e de seu "patriotismo". Não obstante, realçava os limites de sua "inteligência" ou de seu "gênio", mesmo quando se destacava no exercício da atividade pública.

Nas palavras de Justo Sierra, o caráter de Benito Juárez "era de muita maior idade que sua inteligência, seu caráter [...] transformou sua passividade étnica em perseverança individual, sua veneração pelas tradições em amor reflexivo pelas ideias novas e seu respeito incondicional pela autoridade, pelo amor à ordem, ou seja, pelo império impessoal da lei" (Sierra, 2004 [1905], p. 49). A contraposição entre "caráter" e "gênio" se evidenciava, em diversos pontos da biografia, em especial quando se estabeleciam contrastes entre Juárez e seus contemporâneos brancos e mestiços. Personagens que o cercavam como, por exemplo, Miguel Lerdo de Tejada ou Melchor Ocampo, eram sempre representados como dotados de uma inteligência superior a dele.

Embora tenha se constituído como uma "individualidade" por meio da educação e de seu contato com a língua espanhola, Justo Sierra não deixava de definir o prócer da Reforma, em diversos excertos de sua biografia, por meio de adjetivos que o associavam implicitamente a sua origem indígena: "reservado", "grave", "quase mudo", "lento", "tímido", entre outros. Embora houvesse abandonado seu estado de "prostração" e "passividade", Juárez sintetizava, na narrativa de Justo Sierra, a trajetória de um indígena capaz de desenvolver muito mais facilmente seus valores que seu intelecto.

Note-se, entretanto, que essa característica era apresentada como fundamental para o desenlace dos eventos da história mexicana do século XIX. A superioridade do caráter de Juárez em relação à sua inteligência, tomada por Justo Sierra como um tópico central de sua narrativa biográfica, se apresentava como decisiva. Em um quadro em que, mais que a estratégia, era necessário perseverança, o indígena zapoteca era concebido como providencial para os destinos da nação:

> A pátria, no tremendo transe que se previa, necessitava, supremamente, um caráter, uma vontade, uma virtude no grande sentido latino da palavra, um homem. Não um gênio, não; um gênio não poderia desfazer as impressionantemente adversas condições da luta [...]: nada disso poderia mudar, nem se modificar, senão por correntes de circunstâncias que apenas o tempo poderia determinar; a pátria necessitava uma integridade, uma perseverança, algo que perdurasse, algo que sendo humano, parecesse eterno; esse algo [...] era um homem: foi Juárez. (Sierra, 2004 [1905], p. 318).

Benito Juárez, o "grande homem de bronze", talhado nos marcantes eventos do século XIX mexicano, adquiria, na narrativa de Justo Sierra, um caráter transcendente. A vitória contra os conservadores e os franceses nas guerras civis e na intervenção estrangeira vivenciadas pelo México nas décadas de 1850 e 1860 teria sido conquistada não por meio do "gênio", mas sim da "perseverança" do Benemérito das Américas.

Erguida nas praças espalhadas pelo território mexicano e, simbolicamente, no "altar da pátria", a "estátua de bronze" de Juárez, forjada à maneira de um "monumento", embora parecesse emular um ser humano, deveria se constituir como algo que "parecesse eterno". Símbolo das batalhas vencidas no século XIX, deveria oferecer "lições" às "gerações que chegam". A principal delas: a "individualização" dos povos indígenas por meio da mestiçagem e da educação.

O "grande homem de bronze" e suas "lições"

Em *Juárez, su obra y su tiempo*, o processo de "individualização" do Benemérito das Américas se apresenta, em linhas gerais, como uma trajetória do abandono de suas raízes indígenas e de incorporação dos ideais das populações brancas e mestiças no México. Como dito anteriormente, as sociedades originárias eram vistas de maneira bastante negativa não somente nas obras de Justo Sierra, mas em grande parte da intelectualidade do Porfiriato. Nesse período da história mexicana, a detração dessas populações vinha frequentemente acompanhada da exaltação da mestiçagem, tomada pelas elites nacionais de então como a identidade nacional a ser fomentada e fortalecida no país. O indígena, considerado "passivo" na concepção de diversos autores e políticos, entre os quais o próprio Sierra, deveria ser suplantado pelo mestiço, elemento "ativo" da sociedade mexicana (Basave Benítez, 2002; Fernandes, 2012; Navarrete Liñares, 2004; Santos Junior, 2013; Villalobo Álvarez, 2020; García Rojas, 2021).

À defesa da mestiçagem, Justo Sierra acrescentava a seu projeto político a defesa de propostas no âmbito da educação. Idealizador da criação, em 1910, da Universidad Nacional de México, que posteriormente passaria a ser chamada de Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM), foi também um grande entusiasta da difusão da instrução pública primária em seu país (Alvarado, 1986). A narrativa acerca da vida de Benito Juárez era construída, nesse sentido, de modo a se articular, de maneira direta, às propostas educativas de Justo Sierra:

> Juárez acreditava que seu dever, dever de raça e de crença, era tirar a família indígena de sua prostração moral, a superstição; da abjeção religiosa, o fanatismo; da abjeção mental, a ignorância; da abjeção fisiológica, o alcoolismo, [para levá-la] a um estado melhor, ainda quando fosse lentamente melhor, e o principal instrumento dessa regeneração, a escola, foi seu desejo e sua devoção; tudo deveria se alicerçar ali. (Sierra, 2004 [1905], p. 523).

Mesmo se constituindo como um caso excepcional no âmbito dos processos educacionais que envolviam as populações indígenas, a trajetória de Benito Juárez é capaz de evidenciar as possibilidades de contato entre as sociedades originárias e os repertórios letrados no México do século XIX (Soares, 2017). Em *Juárez, su obra y su tiempo*, o prócer da Reforma era representado como profundo entusiasta de projetos vinculados à instrução da população mexicana: "onde, como era natural, Juárez provou [...] sua fé no futuro da República, sua adesão aos princípios que informavam sua religião política, foi no afinco que demonstrou sempre pela educação pública" (Sierra, 2004 [1905], p. 69).

Retirar as populações indígenas da "superstição", do "fanatismo", da "ignorância" e do "alcoolismo" por meio da mestiçagem e da educação se apresentava como um dos eixos sobre os quais se articulava os projetos políticos de Justo Sierra nos quadros do Porfiriato. A escola, na concepção de Justo Sierra, deveria deixar de se constituir como um "mecanismo para aprender livros" e se transformar em um "organismo para formar espíritos" (Sierra, 2004 [1905], p. 26).

Dessa forma, a narrativa da vida de Benito Juárez se apresentava não somente como uma via para assegurar o lugar do prócer da Reforma no "altar da pátria" mexicana e oferecer "lições" para a juventude do país, mas também de explicitar planos para o futuro mexicano que se colocavam como caros a Sierra. Não por acaso, essa obra era dedicada, como já mencionado anteriormente, "*a la generación que llega*".

A trajetória de "individualização" de Benito Juárez, construída na biografia de Justo Sierra, congregava, portanto, em seu cerne, ao mesmo tempo, "campos de experiência" e "horizontes de expectativa" (Koselleck, 2006), perspectivas sobre o passado e o futuro do México: por um lado, explicitava a síntese do processo histórico de emancipação da nação mexicana no âmbito da Era da

Reforma liberal do século XIX; e, por outro, evidenciava os projetos políticos para o porvir da nação defendidos pelo científico.

Pode-se concluir das discussões que têm sido realizadas aqui que a única possibilidade de construção de um "herói indígena" no México porfirista estaria vinculada ao descolamento entre suas raízes zapotecas, por um lado, e sua atuação política, por outro. Desse modo, Benito Juárez se constituiria como prócer da Reforma, em *Juárez, su obra y su tiempo*, não *em razão* de seu passado indígena, mas *apesar dele*. O que fazia do líder liberal um dignitário de honras e louvores da população mexicana seria exatamente sua trajetória de distanciamento em relação aos povos nativos dos quais fazia parte originalmente e de sua aproximação dos grupos brancos e mestiços pertencentes aos grupos considerados "ativos" de seu país.

Essa condição apresentava ambiguidades e limites evidentes, em especial vinculados às origens de Benito Juárez e à sua caracterização como personagem fundamental para a interpretação do México no século XIX.

Referências

ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. *In*: ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Vol. I: La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires: Katz, 2008.

ALVARADO, María de Lourdes. Sobre los orígenes de la Universidad Nacional. *In*: VVAA. *Memorial del Segundo Encuentro sobre la Historia de la Universidad*. México: CESU/UNAM, 1986.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASAVE BENÍTEZ, Agustín. *México mestizo*: análisis del nacionalismo mexicano en torno de la mestizofilia de Andrés Molina Enríquez. 2 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

CAMPOS ARIAS, António. *La polémica sobre Juárez, Política e Historia, 1904-1906*: de Francisco Bulnes a Justo Sierra. 2018. 318 f. Tese (Doutorado em Historiografia). Cidade do México, Universidad Autónoma Metropolitana, 2018.

CEBALLOS RAMÍREZ, Manuel. Del impasible al republicano: cien años de juarismo y antijuarismo en la historiografía mexicana. *In*: VAZQUEZ, Josefina Zoraida (org.). *Juárez*: historia y mito. México: El Colegio de México, 2010. p. 59-88.

DUMAS, Claude. *Justo Sierra y el México de su tiempo, 1848-1912*. México: UNAM, 1992.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria Mestiza*: a invenção do passado nacional mexicano (séculos XVIII e XIX). Jundiaí: Paco, 2012.

GARCÍA ROJAS, Gerardo. Nación, lengua y raza: la configuración del 'problema indígena' en México en el siglo XIX. *Cuicuilco*, v. 28, n. 82, p. 169-190, 2021.

HAMNETT, Brian R. *Juárez*. Nova York: Longman, 1994.

HALE, Charles (org.). *Justo Sierra*: un liberal del Porfiriato. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

HARWICH VALLENILLA, Nikita. Historia patria. *In*: ANNINO, Antonio; GUERRA, François-Xavier (org.). *Inventando la nación: Iberoamérica, siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1790*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terrence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JIMENEZ MARCE, Rogelio. *La pasión por la polémica*: el debate sobre la Historia en la época de Francisco Bulnes. México: Instituto Mora, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LUNA ARGUDÍN, Maria. Cinco formas de representar el pasado: a propósito de las polémicas en torno de Juárez. *Historia Mexicana*, v. 57, n. 3, p. 775-861, 2008.

MIJANGOS Y GONZÁLEZ, Pablo. *La Reforma (1848-1861)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2018.

NAVARRETE LIÑARES, Federico. Las relaciones interetnicas en México. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

PANI, Erika. Derribando ídolos: el Juárez de Francisco Bulnes. *In*: VAZQUEZ, Josefina Zoraida (org.). *Juárez: historia y mito*. México: El Colegio de México, 2010. p. 43-58.

PANI, Erika . Los entresijos académicos de un episodio heroico: Reforma, Intervención e Império. *Historia Mexicana*, v. 71, n. 1, p. 203-220, 2021.

PRADO, Maria Ligia. Identidades latinoamericanas. *In*: AYALA MORA, Enrique; POSADA CARBÓ, Eduardo (org.). *História general de América Latina. Vol. VII*: Los proyetos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulación. Paris: Unesco; Editorial Trotta, 2008.

ROJAS, Rafael. Juárez: un legado en disputa. *Letras Libres*, n. 29, p. 44-46, 2001.

RUIZ GUERRA, Rubén. *Miradas a la Reforma*. México: UNAM, 2011.

SIERRA, Justo. *Juárez*: su obra y su tiempo. México: Porrúa, 2004 [1905].

SIERRA, Justo . *La evolución política del pueblo mexicano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977 [1900].

SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. *A trama das ideias*: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914). São Paulo: Intermeios, 2016.

SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos . Mestiçagem e questão indígena no Porfiriato: identidade e alteridade nas obras de Justo Sierra. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*¸ n. 14, p. 157-176, 2013.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis*: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX). São Paulo: Intermeios, 2017.

VÁZQUEZ, Josefina. Juárez: nacionalismo y historia oficial. *In*: VÁZQUEZ, Josefina Zoraida (org.). *Juárez*: historia y mito. México: El Colegio de México, 2010. p. 33-42.

VILLALOBOS ÁLVAREZ, Rebeca. *El culto a Juárez*: la construcción retórica del héroe (1872-1876). México: UNAM; Grano de Sal, 2020.

VILLEGAS, Abelardo. Introducción. *In*: SIERRA, Justo. *La evolución política del pueblo mexicano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977.

WEEKS, Charles A. *The Juárez myth in Mexico*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1987.

YAÑEZ, Agustín. Introducción. *In*: SIERRA, Justo. *Juárez: su obra y su tiempo*. México: Porrúa, 2004.

Notas finais

[1] Os textos publicados originalmente em inglês ou espanhol foram traduzidos para este artigo.

[2] Entre 1861 e 1867, o México foi ocupado pela França, à época sob o governo de Napoleão III, na chamada Intervenção Francesa. Apoiada pelos conservadores mexicanos, a potência europeia patrocinou, em decorrência dessa Intervenção, a imposição de Maximiliano de Habsburgo como imperador do México entre 1864 e 1867. Nas guerras civis contra franceses e conservadores, os liberais nacionalistas foram liderados por Juárez.

[3] "História política" e "La era actual" têm sido publicados em conjunto desde 1940, quando a Casa de España en México os editou como uma única obra intitulada *La evolución política del pueblo mexicano* (Villegas, 1977, p. XX).

Submetido em: 12/08/2024
Aceito em: 10/11/2025